

PUBLICAÇÃO QUINZENAL  
DE TURISMO, PROPAGAN-  
DA, VIAGENS, NAVEGA-  
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA  
*REVISTA DE TURISMO*

LISBOA, 20 DE JUNHO DE 1917

ANO I—N.º 24

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA  
PAGAMENTO ADEANTADO  
ANO..... 1\$00 || BRAZIL  
SEMESTRE . . \$50 || ANO..... 7\$000  
NUMERO AVULSO 5 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO  
REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO  
EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abogaria)—TEL. 2337-C.—LISBOA

## FÓRMAS DE PROPAGANDA

SE muita gente julga fácil a propagação, uma vez que se gaste muito dinheiro, nós somos de opinião contrária.

A propaganda é uma sciencia, e lá fóra tanto o comprehendem assim, que as grandes companhias de navegação, as empresas ferroviárias e os grandes hotéis e sindicatos de turismo, teem repartições especiaes, onde os empregados d'esse serviço, ganhando grossos ordenados, dispendem uma certa intelligência e gosto artistico na confecção de réclamos.

Ainda ha pouco um director de uma grande casa estrangeira, nos disse:— que o fazer réclamo é uma sciencia tão importante, como administrar uma companhia.

Entre nós gastam-se quantias enormes em réclamos, principalmente em folhetos descriptivos, que pela sua forma pouco artistica e pelo seu grande volume, ninguem lê.

Todas as estancias de aguas mineiras, distribuem folhetos, e ás vezes volumes de razoavel tamanho, com descripções, em literatura maçada, das curas que as aguas proporcionam, do conforto que é oferecido aos aquistas e com largos atestados dos doentes, que por sympathia ou gratidão, demonstram em extensa prosa, o resultado que tiraram das aguas.

Depois metem-lhe no texto, mais por adorno que por outra coisa, photographias dos varios aspectos da estancia, deixando ás vezes de fóra os mais interessantes.

Podíamos citar alguns. E' inutil. Toda a gente conhece esses enormes *anuarios* que o aquista recebe pelo correio ou no escriptorio do hotel.

O réclamo em forma de folheto deve ser conciso no texto e artistico, o

mais artistico possivel, nas suas illustrações.

Em meia duzia de paginas e meia duzia de gravuras, pode dizer-se com melhor resultado o que muita gente diz em grossos tomos, com grande economia monetaria para a empresa e com menos maçada para o publico.

O réclamo assim dá mais resultado, porque o aquista lê-o sem enfado e com o dinheiro gasto na confecção de mil pequenos tomos, como os que em regra se fazem por ahí, publicar-se-hia uma dezena de milhares d'elles, o que tornaria a propaganda mais larga e proveitosa.

Isto á parte aqueles que não gastam dez reis em divulgar o seu hotel, porque julgam a propaganda dos hospedes que o frequentaram, o bastante para o hotel se encher no ano futuro.

Como se eles andassem com a corneta da fama a réclamar o hotel e quando assim fosse, o seu som não iria além das ultimas casas de uma pequena rua...

Depois, como a maior parte dos aquistas não vão curar-se de doenças, mas recrear o espirito e repousar das fadigas de um ano de trabalho laborioso, é preciso que os réclamos exaltem a paisagem, a comodidade que lhes é oferecida, os passeios que se lhes proporcionam, para que eles se resolvam a abalar de casa sem receios de uma temporada de fastio e aborrecimento.

O «réclamo é a vida» dizem os francezes, e nenhum conceito menos exagerado do que este.

Sem réclamo nada se faz, e todos eles são bons, quando inteligentemente feitos, e distribuidos em larga profusão.

Divulgar as belezas de uma terra, exaltando os seus monúmentos, a sua paisagem, as suas atracções, é semear uma riqueza, é lançar-lhes uma prosperidade.

Ainda outro grande erro é as praias, as thermas, em regra, manterem-se nos seus réclamos, alheias ás suas visinhas, como se uma barreira as separasse, ou se entre elas não pudesse haver comunhão de interesses.

Lá fóra, os hotéis e estancias thermas não ocultam nos seus anuncios as atracções que proporcionam, os passeios ás thermas visinhas, certos que n'isso está uma das suas melhores recomendações: Pois entendem que os aquistas não vieram ali para passar o tempo no quarto do hotel, ou á sombra do arvoredado do parque que envolve a estancia.

Ha tempos, vimos um réclamo, muito interessante, da Galiza. Um mapa d'esta provincia, com as suas praias, thermas e monúmentos, postas em destaque, com uns hotéis, ainda em maior saliencia, que as servem, e as linhas ferreas que lhes dão accesso.

Desta forma o viajante vê immediatamente a viagem que lhe é oferecida, com o conforto que lhe corresponde.

Outra forma, e esta bem infeliz, de fazer réclamo,—é o velho costume dos hotéis das thermas e praias mandarem noticias para os jornaes, dizendo que ha lá grande animação quando não está ninguem, e que os hotéis estão a transbordar, quando teem muito pouca gente.

O resultado, é o aquista no primeiro caso, quando lá chega, vêr que a *animação* faz somno e tédio, e no ultimo, deixar de ir, supondo não haver quarto.

Por isso nós juntamos á maxima franceza: *o réclamo é a vida*:

—Sabel-o fazer é uma sciencia.



## O TURISMO EM PORTUGAL

N'um paiz, como o nosso, em que inconcebivelmente as energias adormecem sob o pezo das maiores responsabilidades e onde a previsão, a iniciativa e a actividade se estagnam magicamente como que adormecidas pela utopia d'un mais que phantastico sonho, devemos — os que ainda não se acham contaminados — considerar todos os reagentes, por mais efficazes que sejam, como pouco estimulantes para debelar, por completo, a terrível doença que tem depauperado o organismo nacional.

Como somos ainda creanças — pois que não chegamos a contar um anno de existencia — e a nossa constituição está — por enquanto — em boa situação de defezá para os contagios malignos, não nos atormenta o mal de que — em geral — enferma a vitalidade portugueza; e, assim, temos vindo, tanto quanto sabemos e nos é possível, pondo a claro os nossos pensamentos, as nossas apprehensões e as nossas idéas.

Se bem que o nosso echo pouca repercursão tenha tido, as nossas palavras teem, felizmente, em todas as manifestações que se relacionam com o turismo, encontrado a mais cabal confirmação. E não só entre as publicações portuguezas assim o temos constatado, mas, inclusivamente, nas revistas estrangeiras de turismo temos apreciado, com intimo regosijo, a mais completa uniformidade de vistas, no que respeita ao turismo internacional. Prova-o claramente uma interessante carta de Paris, publicada na Revista do *Touring Club Suizo*, relativa ao mez de Março ultimo, sob o titulo *Le Tourisme d'après la guerre*, que é, por assim dizer, o corollario das considerações por nós feitas no artigo inserto em o numero na nossa Revista, referido a 20 de Janeiro do corrente anno.

Não o dizemos como lisonja, mas simplesmente por ser uma exuberante demonstração da consistencia das nossas idéas.

Limitando-nos, porem, agora, ao que mais directamente interessa o nosso Paiz e que temos debatido nos nossos diversos artigos, vamos patentear as provas da nossa asserção, transcrevendo das differentes theses apresentadas ao ultimo Congresso hoteleiro, os trechos que reflectem o mais precioso reforço e o mais expontaneo concurso á nossa justa campanha.

Cabe o primeiro logar á introdução com que o abalidado clinico, sr. Dr. João Bentes Castel-Branco abriu o seu

estudo acerca da federação do Turismo em Portugal.

«O turismo é a mais rica industria dos paizes que teem elementos para o desenvolver, quando sabem dispor o meio social e preparar os serviços convenientemente para atrahir e reter os estrangeiros, que são o grande canal para a importação do ouro.

Posto assim o problema, vê-se que Portugal, para desenvolver o turismo, terá de concorrer com as grandes estações de França, Italia, Suissa, Alemanha, etc.

Esta concorrência só poderá ser possível se conseguirmos dispor de grandes estabelecimentos apropriados, com todas as comodidades e anexos, onde os forasteiros encontrem os atractivos, facilidades e recursos que se lhe offerem lá fóra.

Só depois de assim preparados, poderemos pensar a sério em fazer derivar uma parte do movimento de forasteiros para o nosso paiz, por meio d'uma boa e larga propaganda.

Pretende atrahir a Portugal numerosos estrangeiros sem estarmos habilitados a recebê-los convenientemente, é desperdiçar inutilmente trabalho

e dinheiro, conseguindo apenas avolumar o nosso descredito.

Para resolver, pois, em boas condições, o problema do turismo em Portugal é necessario começar por encarar o assumpto em toda a sua generalidade, estudando-o methodicamente em todas as suas partes e relações, para o ir solucionando parcial e gradualmente, segundo as conveniencias de momento e os ensinamentos da experiencia.»

E' a plena confirmação das idéas por nós aqui já claramente expostas. Mas para aproveitarmos, ainda, o tanger sonoro d'esta vibrante nota, completa-lo-hemos com a reprodução do primeiro periodo da sua «Definição»:

«O turismo não é o producto d'uma simples industria, mas sim o d'um conjuncto muito complexo de todos os meios imaginaveis e apropriados para fazer deslocar os individuos de suas casas, a fim de os atrahir e reter em determinadas localidades.»

Não queremos hoje abusar da paciencia dos nossos leitores, e por isso guardamos para os seguintes artigos o desenvolvimento d'este magno assumpto, na persuasão de que, do nosso esforço, ha de resultar qualquer coisa de proveitoso para esta querida Patria.

JOSÉ LISBOA

## O NOVO HORARIO DA COMPANHIA PORTUGUEZA

A proposito da local, sobre este titulo, do numero passado, um leitor envia-nos uma extensa carta, onde entre phrases amaveis e lisonjeiras para esta Revista, lamenta a nossa *atitude benevola* — segundo ele diz — para a Companhia Portuguesa, que pôs agora um horario horrivel; e espraçando-se em considerações, estabelece o confronto da nossa attitudé de agora, com esta Companhia e a de ha mezes com o Sul e Sueste, que levou a direcção destas linhas a modificar o seu horroroso horario. E termina pedindo-nos para que no nosso jornal *increpemos* (sic) a Companhia Portuguesa, pela supressão dos bilhetes de banhos, que no seu entender é um golpe de morte no turismo nacional; e sobre os pessimos comboios, agora postos em circulação, e sobre a retirada do material moderno, de todos os comboios.

Não tinha o caso para nós a importancia que lhe vamos dar, se o nosso atento leitor não nos acoimasse de parciaes.

Não. A esta Revista preside um são criterio de imparcialidade, e como seu objectivo, tem apenas o Turismo.

Ora a nossa attitudé de ha mezes com o Sul e Sueste, explica-se pela forma que estes caminhos de ferro faziam os comboios. Só de noite é que era dado jornamear pela extensa rede do Sul, o que não tinha semelhante na historia dos caminhos de ferro. E tão justas foram as nossas reclamações, que a Direcção do Sul, juntando-as ás de toda a gente, modificou o horario a contento de todos.

Agora, quanto á Companhia Portuguesa, o caso é diferente; esta Companhia viu-se, primeiro forçada a reduzir os seus comboios, pela falta de combustivel, e depois a dilatar-lhe as marchas, devido á combustão pela lenha; mas deixou ficar comboios commodos e, alguns, ainda em melhores condições para o publico, como sejam o expresso do Porto, e o correio do Oeste, que passaram — como já dissemos no ultimo numero — a chegar antes da meia



noite, o que representa uma alta comodidade para o publico.

Outro comboio melhorado foi o n.º 9, mixto que transporta os passageiros de 3.ª classe para a linha do Norte até Pampilhosa e Beira Alta, que passou a sahir depois do 15 (correio do Porto) o que tornou mais logico o desdobramento d'este ultimo comboio.

Casos, ha porem, em que o publico ficou prejudicado, mas não é agora, na pavorosa crise que se atravessa, occasião propicia para nos occuparmos disso.

Dos bilhetes de banhos, no nosso entender, — e permita-nos o leitor esta vaidade, alguma coisa percebemos do assumpto. Achámos a supressão, uma medida fortemente acertada, pois tal qual estavam, nenhum beneficio trariam ao publico. O seu preço era já pouco reduzido, e com as senhas de pragens a 200 réis cada uma, a sobretaxa de velocidade e a sobretaxa de dez por cento, para quem tivesse ou quizesse regressar antes de 15 apoz a venda, tornavam estes bilhetes, em certos casos, mais embaraçosos que os da tarifa geral.

Bem fez, pois, a Companhia terminar com eles de vez.

Estamos porem certos que, uma vez terminada a terrivel contenda europeia e com essa onda de viajantes que ha de evadir a Europa — o que nos não cançaremos de repetir — o nosso Paiz terá uma larga corrente de viajantes, as companhias de caminho de ferro, poram em pratica uns novos bilhetes de banhos, e para familias, como lá fóra, com o que muito lucrarão, o Turismo e os cofres do caminho de ferro.

E quanto á recolha das carruagens modernas, que tanto conforto faziam aos passageiros, diremos mais ao nosso dirigente, que a Companhia Portuguesa, não fez senão bem, pois tendo ella tão pouco d'esse material, em relação á sua rede, trata, certamente, n'esta hora final da guerra, de o beneficiar para que ele appareça, reparado e limpo, na composição dos comboios, que ella fará para transportar os milhares de viajantes que evadirão as suas linhas, entre as quaes desejamos ver o o nosso leitor *vis-a-vis* conosco a caminho do theatro da guerra.

A «REVISTA DE TURISMO» assigna-se e vende-se na sua administração, Largo da Abegoaria, 28, e em todas as livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra e Figueira da Foz.

## PER LA VENEZIA TRIDENTINA

### PER LA VENEZIA GIULIA

EM o numero da Revista do *Touring-Club Italiano*, referido ao mez d'Abril passado, deparámos com o entusiastico e patriótico brado, que a seguir damos em traducção, tão cheio de intenso amor patrio e de alegria na perspectiva d'um futuro risonho, como só os latinos—esta raça de povos sonhadores—sabem proferir com o sentimento que commove e dulcifica, com o incitamento que convence e nos torna convencidos.

Ei-lo :

—«As duas nobres regiões voltam á nossa posse!

«E' a justiça divina que põe termo ao nosso penoso sacrificio!

«No dia faustoso em que o nosso antigo Reino, depois de se ter asoberbado do territorio tridentino, deverá guiar-nos a vida para horizontes novos, impõem-nos a mais sagrada obrigação coordenarmos toda a nossa energia para que rapidamente vençamos a crise atroz que agora atravessamos!

«Na nossa nova orientação, o problema turistico tem uma parte precipua, especialmente na *Venezia Tridentina*. Maravilhosa plaga alpina, celebrada em todo o Mundo pela sua belleza caracteristica!

«Organizada turisticamente por uma forma superior, atrahirá não só a nossa mais anceiosa attenção, como empregaremos o nosso maior carinho, para que ella seja o sonho esperançoso dos turistas e o seu mais risonho desejo!

«A gravitação turistica sobre a Austria e a Allemanha está aniquilada, por um rapido e conspicuo movimento de interesse moral e material, que devemos encaminhar para a nova região, pressurosamente, como compensação aos sacrificios que tem soffrido—E' um sacratissimo dever patriótico, que nos incumbe saldar com amor, constancia e intelligencia.

«O Touring-Club reclama, com energia, a parte que lhe cabe na liquidación d'esse debito; elle prestará com o maior enthusiasmo, toda a sua acção, a mais cordeal cooperação e o mais fraternal auxilio a toda a iniciativa que estiver dentro do ambito do seu programma; e a nossa maior energia se consubstanciará não só em a fusão d'uma politica de interesse patrio, mas ainda no justo desenvolvimento da nossa querida nova Provincia.»

O que acaba de lêr-se é a reproducção escrita do intenso amor pa-

triotico d'esse bello povo de idealismos, d'essa nobilissima raça a que pertencemos, em que o torrão natal vale mais do que a nossa propria vida!

—*Per la Venezia Tridentina, per la Venezia Giulia.*

Que delicioso poema?

### BIBLIOGRAPHIA

#### SEM MASCARA

DE GASTÃO DE BETENCOURT  
E MISS EDICE.

E' um livro repassado de sentimento e de desillusão. Miss Edice e Gastão Betencourt, são duas almas que se encontraram no caminho da desventura espiritual, e juntaram as suas maguas n'essas deliciosas cartas, que compõem o livro *Sem Mascara*, e que se leem com interesse.

São dois desiludidos que atiram aos corações soffredores, o echo da sua dor.

N'essas paginas, cheias de brilho e colorido, vamos passar aquela angustia, que as almas ingenuas e puras sabem sofrer, no crepusculo d'um amor sonhado, risonho e venturoso.

Depois, os dois vencidos do amor, separam-se, uma para o exilio, esquecer ou animar com novas impressões, as suas amarguras, e o outro recolhe ao *Castelo da Ilusão*, sonhar e sofrer ainda.

G. M.

#### A «Revista de Turismo» e a Imprensa

O nosso illustre colega, *O Circulo das Caldas*, das Caldas da Rainha, transcreveu na integra o artigo: *A União Iberica e o Turismo* inserto em o nosso numero 20, precedendo-o de palavras, que muito nos lisongeiam.

Agradecemos.

A todos os outros colegas que teem continuado a noticiar a publicação d'esta Revista apresentamos uma vez mais a expressão do nosso reconhecimento.



# O PORTO

## O SEU PROGRESSO E A SUA IMPORTANCIA PARA O TURISMO.

**N**UNCA em tempo algum a cidade Invicta, pôde levar de vencida a sua rival, Lisboa, como agora, devido aos melhoramentos que lá se estão executando.

Uma camara municipal digna dos maiores elogios, está modernizando o Porto por uma forma pratica e com o que muito ha-de ganhar a hygiene portuense, e o turismo nacional.

Uma larga avenida, já tem o seu caminho aberto da praça de D. Pedro á Trindade, cujas edificações luxuosas e artisticas vão encerrar o alto commercio portuense, e os estabelecimentos

que utilizar, já tem a sua embocadura que dá para a estação de S. Bento e para a elegante rua Sá da Bandeira, alargada e direita, onde para estabelecimentos de luxo, se vão erguendo edificações, altas e de bom gosto.

O mercado do Bulhão, que era a vergonha dos portuenses, já desapareceu para dar lugar a um elegante recinto circundado de lojas altas, de commercio miudo.

O Palacio de Christal, que longos anos permaneceu n'um abandono desleixado, abre agora as suas portas a um publico escolhido que ali vae ás continuas exposições, que a nova empreza arrendataria

proporciona dignamente.

O matadouro municipal os liceus, theatro de S. João, são também obra da tenacidade camarária.

O theatro de S. João, no local onde ha anos o fogo destruiu o antigo theatro, é pelas suas linhas de beleza, e pelas suas artisticas e finas decorações um belo edificio que honra a nossa segunda cidade.

PORTO  
TORRE DOS CLERIGOS

Por toda a parte se nos depara a mesma boa vontade em tudo modernisar e em tudo melhorar.

E' que o Porto comprehendeu que era necessario trabalhar, e não se tem poupado a fadigas nem a despesas.

Dentro em pouco a cidade Invicta, reunirá, á extraordinaria beleza dos seus arredores, e ás tradições que en-

cerca dentro dos seus muros, uma avalanche de progresso que lhe atrahirá numerosos viajantes. Visita essa bem merecida, se olharmos á sua admiravel situação topographica, e ás facilidades que o caminho de ferro lhe proporciona.

E esperamos em breve, uma vez terminada esta malfadada guerra, que um comboio rapido silve diariamente para Salamanca e outro para a Galiza levando e trazendo viajantes, que logo á chegada da estação de S. Bento hão-de, por certo, lançar um olhar de admiração, para essa magnifica obra, que Jorge Colaço soube revestir de azulejos, e com paginas da nossa historia, onde o seu genio de artista se revelou amplamente.

GUERRA MAIO

## HOTEIS

### A ACÇÃO DA FRANÇA

**N**ão se esmoreceram, ainda, os ecos do congresso hoteleiro ultimamente realizado em Lisboa, cabendo-nos o dever impercível, como logica consequencia da nossa missão, dar-lhes o alento preciso para que elles só se extingam quando outros os venham legitimamente substituir.

Não vimos hoje apreciar as decisões tomadas n'essa magna Assemblêa, nem tampouco discutir os seus presumiveis efeitos. Essa tarefa reservamo-la para subseqüentes artigos, á medida que os resultados do nosso estudo nos mostrem a viabilidade e oportunidade das conclusões propostas nas diferentes theses apresentadas ao referido Congresso.

Porem, para que se possa formar um juizo seguro sobre as bases em que nos firmamos para a analyse do que se poderá fazer de prompto e do que se deverá executar a seguir, a fim de se proporcionar o desenvolvimento gradual da industria do turismo em o nosso Paiz, iremos registando, pouco a pouco, os elementos que estamos colhendo em fontes cuja origem é de indiscutivel auctoridade e que, por isso, tem o valor dos axiomas.

Assim, vamos transcrever do ultimo Boletim do «*Touring-Club de France*» relativo a Março-Abril, uma pequena noticia em que nitidamente são expostos os propositos francezes para o *açambarcamento* dos turistas norte-americanos, depois de terminada a guerra.

Refere-se essa noticia á visita feita, ha tempo, a Paris, por uma missão *yankee* e diz o seguinte:



bancários, como seja o Banco de Portugal, que já ali tem o seu terreno, á esquina da rua da Fabrica.

E ironia á capital, o primeiro banco do paiz, está ainda instalado n'um velho edificio pombalino, da rua do Ouro enquanto no Porto vae ter uma sede nova.

A rua do Bomjardim que no seu estreito e tortuoso pavimento, não comportava o enorme transito que a tinha



«Não foi esquecida a visita da missão commercial e industrial americana ao hotel da Avenida da «Grande Armée».

Durante essa visita, tratou-se, naturalmente, da proxima vinda de numerosos turistas americanos a França, e aproveitando o ensejo não deixámos de informar os membros d'essa missão dos esforços que estamos empregando para preparar aos viajantes de *l'après-guerre* uma hospitalidade conforme os seus habitos e gostos.

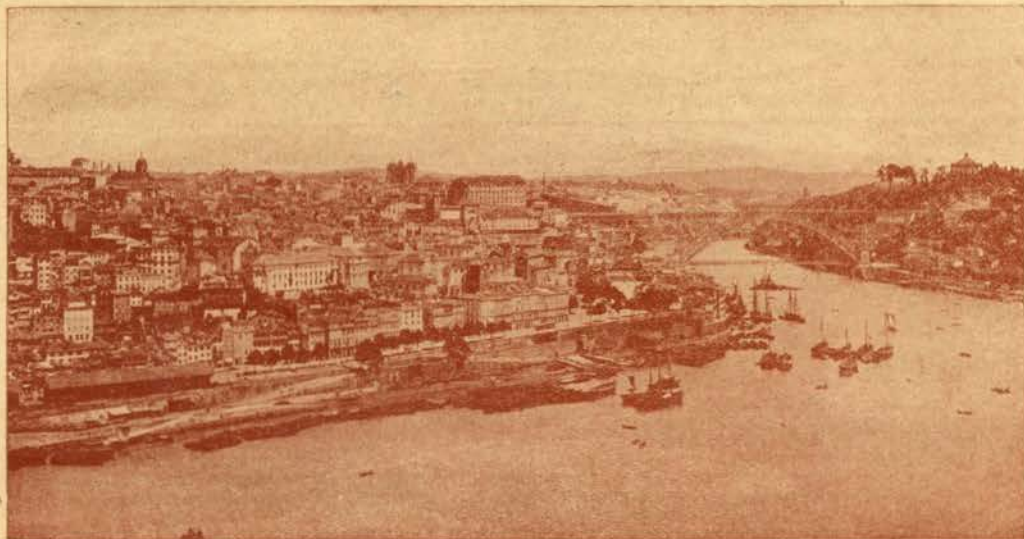
3.<sup>a</sup> — Organização d'um methodo de compras, facultando a cada hotel a aquisição, pelo preço de grosso, do material, mobiliario, provisões, etc.

4.<sup>a</sup> — Construcção simultanea, em virtude d'um mesmo contracto, de determinado numero de hoteis.

5.<sup>a</sup> — Envio, anualmente, ao estrangeiro, de praticantes, com o fim de estudarem a industria hoteleira do paiz.

6.<sup>a</sup> — Centralisação da publicidade em uma unica sede, com succursaes

precisão leva-nos ao convencimento de que a perspicacia e a tenacidade dos francezes hão de, n'um muito curto espaço de tempo, compensar, pelo turismo, os incalculaveis prejuizos que pezarem a debito da França depois da conflagração europeia; e, assim, não só rapidamente ella se restabelecerá economica e financeiramente, mas conseguirá canalisar, ainda com maior intensidade, para o grande centro do mundo que é Paris, uma das mais importantes massas da sua antiga população fluctuante.



PORTO-VISTA GERAL

Essa missão enviou-nos agora os resultados das suas observações e os «desiderata» do turista americano, com as indicações indispensaveis aos interesses communs.

Essas indicações podem-se resumir da seguinte forma:

1.<sup>a</sup> — Ida aos Estados-Unidos d'uma comissão hoteleira, composta de directores de hoteis, de banqueiros e architectos, a fim de recolher os dados, planos, preços e methodos d'administração e de execução susceptiveis de serem applicados ao programma da industria hoteleira em França.

2.<sup>a</sup> — Introducção nos hoteis francezes dos melhores methodos americanos para aquecimento, ventilação, installações electricas, monta-cargas, ascensores, lavanderias, etc., sob o ponto de vista do maximo aproveitamento com a maior economia; construcção de casas de banho com um systema de canalisação d'agua a pressões variadas, por meio de apparatus fixos complementares; cosinhas, *bars*, salas de barba; emprego de machinas automaticas para a simplificação dos serviços.

nas principaes cidades do Mundo, incumbidas especialmente de prestar informações praticas e interessantes sobre os hoteis e viagens em França».

A seguir a este questionario, escreve ainda o referido Boletim:

*«Quem poderá, depois de ler este programma, desvirtuar as intenções dos nossos amigos americanos? Elles não pretendem, por forma alguma, que a França levante em toda a parte grandes e sumptuosos «palaces»; o que elles querem é hoteis medianos, attrahentes pelo seu conforto e commodidade, bem preparados e providos de tudo quanto é indispensavel, sem luxo inutil nem ornamentos superfluos, n'uma palavra—o necessario lar ganante comprehendido e economicamente realisado».*

Eis tudo.

Crêmos que, em tão poucas linhas, não se pode ser mais preciso; e essa

### As novas carruagens de 3.<sup>a</sup> classe da Beira Alla

N'um dos ultimos numeros, publicámos as gravuras de diferentes aspectos das novas carruagens mixtas de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> classes, d'esta companhia, e hoje damos a gravura de uma das de 3.<sup>a</sup> classe agora acabadas de construir e pela qual se avalia bem a sua elegancia exterior.

Os novos vehiculos tem 7 compartimentos com 72 loga-

res, retrete, lavatorio e corredor lateral.

Os bancos são de riga envernizada, e tem um pequeno estofo nas costas, e em todos os compartimentos ha duas prateleiras, tambem de riga para o transporte de pequenos volumes.

Como novidade em carruagens de tal classe em linhas portuguezas, tem estas, aquecimento por termo-sifão, que produz um calor igual em toda ella, o que certamente muito apreciado será nos rigores do inverno.



As molas de dupla tensão, e a grande distancia entre eixos permite a estas carruagens um rolamento muito suave.

É portanto um trabalho que muito honra as oficinas da Figueira da Foz.



## ARTE E LITERATURA

## O CASO DE MENDIBAL

DE ECA DE QUEIROZ

Mendibal aceita um bock: e eu começo a contemplar mudamente aquella facesinha toda em perfil, como recortada n'uma lamina de machado, d'uma cor acobreada de chapéo côco inglez, onde a barbita rala, hesitante, denunciando uma virilidade frouxa, parece cotão, um cotão negro, pouco mais negro que a tez. A testa escantada recua, fuge toda para traz, assustada. O carôço da garganta esgançada, ao contrario, avança como o esporão d'uma galera por entre as pontas quebradas do collarinho muito alto e mais brilhante que esmalte. Na gravata, grossa perola.

Eu contemplo, e Mendibal falla. Falla arrastadamente, quasi dolentemente, com finas que desfalecem, se esvaem em gemido. A voz é toda de desconsolo: — mas, no que diz, revela a mais forte, segura e insolente satisfação de viver. O animal tem tudo: immensas propriedades além do mar, a consideração dos seus fornecedores, uma casa no Parc-Monceau, e «uma esposa adoravel». Como deslizo elle a mencionar essa dama que lhe embeleza o lar? Não sei. Houve um momento em que me ergui, chamado por um velho Inglez meu amigo, que passava, recolhendo da Ópera, e que me queria simplesmente segredar, com uma convicção forte, que «a noite estava esplendida!» Quando voltei à mesa e ao bock, o Argentino encetára em monologo a glorificação da «sua senhora». Carmonde devorava o homenzinho com olhos que riem e que saboreavam, deliciosamente divertido. Eduardo, esse, escutava com a compostura pesada de um portuguez antigo. E Mendibal, tendo posto ao lado sobre uma cadeira, com cuidados devotos, o ramo de cravos, desfiava as virtudes e os encantos de Madame. Sentia-se alli uma d'essas admirações effervescentes, borbulhantes, que não podem retrahir, que trasbordam por toda a parte, mesmo por sobre as mesas dos cafés: onde quer que passasse, aquelle homem iria deixando escorrer a sua adoração pela mulher, como um guarda-chuva encharcado vai fatalmente pingando agua. Compreendi, desde que elle, com um prazer que lhe repuxava mais para fóra o carôço da garganta, revelou que madame Mendibal era franceza. Tinhamos alli portanto um fanatismo de preto pela graça loira d'uma parisiensezinha, picante em sedução e fúria. Desde que comprehendí, sympathisei. E o Argentino farejou em mim esta benevolencia critica — porque foi para mim que se voltou, lançando o derradeiro terço, o mais decisivo, sobre as excellencias de Madame: «Sim, positivamente, não havia outra em Paris! Por exemplo, o carinho com que ella cuidava da mamã (da mamã d'elle), senhora de grande idade, cheia de abacuezes! Pois era uma paciencia, uma delicadeza, uma sujeição. De cair de joelhos! Então nos ultimos dias a mamã andará tão ruba-jenta!... Madame Mendibal até emmagrecera. De sorte que elle proprio, n'esse domingo lhe pedira que se fosse distrahir, «passar o dia a Versalhes, onde a mãe d'ella, madame Jonffroy, habitava por economia. E agora viera de a esperar na gare Saint-Lazare. Pois, senhores, todo o dia em Versalhes, a santa creatura estivera com cuidado da sogra, cheia de saudades da casa, n'uma anciosa de recolher. Nem lhe soubera «bem a visita á mamã! A maior parte da tarde, e uma tarde tão linda, gastára-a a

«reunir aquelle esplendido ramo de cravos amarellos para lhe trazer, a elle!»

— E verdade! Veja o senhor! Este ramo de cravos! Até consola. Olhe que para estas lembrancinhas, para estes carinhos, não ha senão uma franceza. Graças a Deus, posso dizer que acertei! E se tivesse filhos, um só que fosse, um rapaz, não me trocava pelo principe de Galles. Eu não sei se o senhor é casado. Perdoe a confiança. Mas se não é, sempre lhe direi, como digo a todo o mundo: — Case com uma franceza, case com uma franceza!...

Não podia haver nada mais sinceramente grotesco e tocante. Como V. não vinha, fugido Ramalho, dispersamos. Mendibal trepou para um fiacre com o seu amoroso molho de cravos. Eu arrastei os passos, no calor da noite, até ao club. No club encontro Chambray, que V. conhece — o «famoso Chambray». Encontro Chambray no fundo d'uma poltrona, derraeado e radiante. Pergunto a Chambray como lhe vai a Vida, que opinião tem n'esse dia da Vida. Chambray declara a Vida uma delicia. E, immediatamente, sem se conter, faz a confidencia que lhe ballava impacientemente no sorriso e no olho humedecido.

Fôra a Versalhes, com tenção de visitar os Fouquieres. No mesmo compartimento com elle ia uma mulher, *une grande e belle femme*. Corpo soberbo de Diana n'um vestido collante de Redfern. Cabellos apartados ao meio, grossos e apaixonados, ondeando sobre a testa curta. Olhos graves. Dois solitarios nas orelhas. Sér substancial, solido, sem chumaças e sem blagues, bem alimentado, envolto em consideração, superiormente installado na vida.

E, no meio d'esta respeitabilidade physica e social, um geito guloso de molhar os beiços a cada instante, vivamente, com a ponta da lingua. Chambray pensa consigo: — «burgueza, trinta annos, sessenta mil francos de renda, temperamento forte, desapontamentos d'alcova». É apenas o comboyo largo, toma o seu «grande ar Chambray», e dardeja á dama um d'esses olhares que eram outr'ora symbolisados pelas flechas de Cupido. Madame impassivel. Mas, momentos depois, vem d'entre as palpebras um pouco pesadas, direito a Chambray (que vigiava de lado, port-traz do *Figaro* aberto), um d'esses raios de luz indagadora que, como os da lanterna de Diogenes, procuram um homem que seja um homem. Ao chegar a Courbevoie, a pretexto de baixar o vidro por causa da poeira, Chambray arrisca uma palavra, atrevidamente tímida, sobre o calor de Paris. Ella concede outra, ainda hesitante e vaga, sobre a frescura do campo. Está travada a Ecloga. Em Suresnes, Chambray já se senta na banquetta ao lado d'ella, fumando. Em Sevres, mão de Madame arrebatada por Chambray, mão de Chambray repellida por Madame: — e ambas insensivelmente se entrelaçam. Em Viroflay, proposta brusca de Chambray para darem um passeio por um sitio de Viroflay que só elle conhece, recanto bucolico, de incomparavel doçura, inaccessible ao burguez. Depois ás duas horas tomariam o outro trem para Versalhes. E nem a deixa hesitar — arrebatada moralmente, ou antes physiologicamente, pela simples força da voz quente, dos olhos alegres, de toda a sua pessoa franca e mascula.

Eil-os no campo, com um aroma da seiva em redor, e a primavera e Satanaz conspi-

rando e soprando sobre madame os seus bafos quentes. Chambray conhece á orla do bosque, junto d'agua, uma tavernola que tem as janellas caçaixilladas em madresilva. Porquê não irão lá almoçar uma caldeirada, regada com vinho branco de Suresnes? Madame na verdade sente uma fomezinha alegre de ave solta no prado; e Satanaz, dando ao rabo, corre adiante, a propiciar as coisas na tavernola. Achain lá com effeito uma installação magistral: quarto fresco e silencioso, mesa posta, cortina de cassa ao fundo escondendo e trahindo a alcova. «Em todo o caso que o almoço suba depressa, porque tem de partir pelo trem das duas horas» — tal é o brado sincero de Chambray!

Quando chega a caldeirada, Chambray tem uma inspiração genial — despe o casaco, abanca em mangas de camisa. É um rasgo de bohemia e de liberdade, que a encanta, a excita, faz surgir a garota que ha quasi sempre no fundo da *matrona*. Atira tambem o chapéo, um chapéo de duzentos francos, para o fundo do quarto, alarga os braços, e tem este grito d'alma:

— Ah oui, que c'est bon, de se desemberter!

E depois, como dizem os hespanhoes — *la mar*. O sol, ao despedir-se da terra por esse dia, deixou-se ainda em Viroflay; ainda na tavernola; ainda no quarto; — e outra vez á mesa, diante d'um *beefsteak* reconfortante, como os acontecimentos pediam com urgencia e logica.

Versalhes, esquecido! Tratava-se do voltar á estação para tomar o trem de Paris. Ella aperta de vagar as fitas do chapéo, apanha uma das flores da janella que mette no corpete, fixa um olhar lento em redor pelo quarto e pela alcova, para tudo decorar e retêr — e partem. Na estação, ao saltar para um compartimento differente (por causa da chegada a Paris), Chambray n'um aperto de mão, já apressado e frouxo, supplica-lhe que ao menos diga como se chama. Ella murmura — *Lucie*.

— E é tudo o que sei d'ella, conclue Chambray accendendo o charuto. E sei tambem que é casada porque na gare Saint-Lazare, á espera d'ella, e acompanhado por um trintanario serio, de casa burgueza, estava o marido... é um *rastacuro* côr de chocolate, com uma barbita rala, enorme perola na gravata... Coitado, ficou encantado quando ella lhe deu um graude ramo de cravos amarellos que eu lhe mandara arranjar em Viroflay... Mulher deliciosa. Não ha senão as francezas!

Que diz V. a estas coisas consideraveis, meu bom Ramalho? Eu digo que, em resumo, este nosso Mundo é perfeito e não ha nos espaços outro mais bem organizado. Porque note V. como, ao fim d'este domingo de maio, todas estas tres excellentes creaturas, com uma simples jornada a Versalhes, obtiveram um ganho positivo na vida. Chambray passou por um immenso prazer e uma immensa vaidade — os dois unicos resultados que elle conta na existencia como proventos solidos, e valendo o trabalho de existir. Madame experimentou uma sensação nova ou differente, que a desenervou, a desafogou, lhe permittiu reentrar mais acalmada na monotonia do seu lar, e ser util aos seus com reditiva applicação. E o Argentino adquiriu outra inesperada e triumphal certeza de quanto era amado e feliz na sua escolha. Tres ditosos, ao fim d'esse dia de primavera e de campo. E se d'aqui resultar um filho (o filho que o Argentino appetitece), que herde as qualidades fortes e brilhantemente galezas de Chambray, accresce, ao contentamento individual dos tres, um lucro effectivo para a sociedade. Este mundo portanto está superiormente organizado.



## COSTUMES POPULARES PORTUGUEZES

## AS ROMARIAS DO NORTE

A população do norte, mórmente a dos campos, é profundamente religiosa; mas na *romaria*, a manifestação do respeito pelo orago e de reconhecimento pelos seus *milagres*, desaparece quasi inteiramente, por isso que o motivo real d'aqueles extraordinarios arraiaes reside na intenção de passar uma tarde alegre, sem preocupações e sem cuidados. E' por isso que as mais concorridas, as mais predilectas do povo, as que mais encantos reúnem, são aquelas que teem por seu lado a beleza convidativa do local.

A epocha das romarias começa com a primavera; quando as campinas se estrelejam de flôres, e os braços esqualidos de arvores se vestem de folhagem, o sol aquece a atmospheria e o ceu toma esse tom azul, limpido e sereno, que constitue o mais formoso encanto da nossa terra; com esse renascer da vida vegetativa casa-se a alegria das romagens. Não se faz ideia nítida, no sul, do que seja uma romaria no Minho e nos concelhos visinhos do Porto, da alegria ruidosa de toda essa gente, dos jantares monstruosos que osromeiros destroçam com um apeteite inegualavel, das dezenas de pipas de vinho que eles teem a coragem de deixar enxutas e das dezenas de arrobas de cera com que presenteliam os santos. Só visto! E isto, desde 19 de março, que é a festa a S. José, em S. Mamede de Infesta, até á Senhora de Campanhã, que, como o povo diz, é quem *fecha a porta*, repete-se todos os domingos, ás vezes em mais d'uma parte, não escapando tambem os antigos dias santificados, que não são os mais desocupados. Ha n'esta cathogoria de festas, as *grandes* e as *pequenas*; succede mesmo que alguns santos gosam de privilegio de ter as duas, com intervalo de mezes. Não raro, tambem, á festividade religiosa e ao arraial junta-se a *feira*. Assim, a primeira do ano — exclua-se a da Senhora da Lapa, que perdeu o seu antigo esplendor — acompanha-se de um regular mercado de peneiras, gamelas e alfaias agricolas. A capelinha, branca como uma pomba, fica n'um alto, com um lanço de escadas que dá para a estrada por onde antigamente se ia para Braga. Perto fica um grande souto de castanheiros anosos, de fartas comas murmurantes. E' ali, á sombra, que se desenrolam as toalhas e se asentam os convivas. Sob' toldos, as pipas do vinho de Amaranthe e da

Companhia, em carros de bois, cercam-se de um razoavel numero de adoradores. Aqui e além os *cegos* coçam nos violinos valsas e mazurkas que as tricanas da cidade acolhem com gritos de alegria: formam-se os pares, improvisam-se os bailes; d'ahi a pouco, a transição para as modas populares efectua-se com uma explosão de entusiasmo: e ahí vem o *Serra*, a *Caninha Verde*, e o *Regadinho*:

Minha mãe case-me cedo,  
Emquanto sou rapariga,  
Que o milho sachado tarde  
Nem dá palha nem espiga.

O' aguas do Regadinho,  
O' aguas do *regabote*,  
O tomar amor's não custa  
O casar é uma sorte.

E *virou!* E *balancé!* E nova cantiga, até que as vozes enrouquecem, as forças se esgotam e ao longe o sol vae descendo na curva, em fogo.

As aldeãs, com os seus trajos pitorescos, contribuem para a animação. Um conversam com os namorados, aqui e além; eles, mocetões sadios, e fortes, de jaqueta ao hombro e marmeleiro nas unhas, fincada na terra uma das extremidades, encostada a outra debaixo do braço; cas de chapelinho de feltro, com plumas vermelhas e azues e espelinhos entremeiados, um par de brincos em cada orelha e grillhões de ouro ao pescoço, saia preta comprida e chinelinha com bordados a linha branca, ouvem sorridentes os madrigaes rudes dos escolhidos.

Os da *cidade* passam-lhe rentes, picando-os com ditos, de uma intenção bréjeira, a que eles ora se fingem surdos, ora respondem com o argumento solido do varapau. Uma parte saracoteia-se com uma vivacidade unica dos dansares da *Caninha Verde* e a musa dos campos empresta ás suas paixões o colorido de uma ironia pungente. E' o *desafio*. Quando os *cantadores* são bons, isto é, quando o improviso rebenta bem acirrado e prompto, o duelo em verso constitue um espectáculo original, o auditorio interessa-se na lucta, as gargalhadas esturgem ruidosas por entre palmas aclamadoras e o torneio, as mais das vezes vem a acabar... d'ahi a mezes com a benção do parcho, na capelinha da sua aldeia. Para o ano lá está, a recordar os tempos idos, ou a

agradecer ao santo o milagre do consorcio.

Casae-me, meu pae, casae-me,  
A causa bem a sabeis:  
O casar é aos quatorze  
E eu já tenho dezaseis.

Entre as festas d'esta natureza que teem o condão de despojar o Porto, recorda-nos a do Senhor da Pedra, no domingo seguinte ao do Espirito Santo. A capelinha fica sobre uns penhascos, á beira mar, pouco antes de Espinho, e perto da linha ferrea do norte. Vulgarmente chamam-lhe a romaria das *camarinhas*.

Quando o mar se levanta  
As camarinhas *tem* medo  
E o Senhor da Pedra foge  
Ai! de penedo em penedo.

A da *Santa do Pilar*, na serra d'este nome, fronteira á cidade, é a memoria por excelencia das *melancias*. A igreja, apesar dos destroços da guerra civil de 1832-33, está ainda aberta ao culto e n'um relativo estado de conservação.

Uma das mais curiosas e extravagantes que se conhecem do Porto e ainda nos concelhos visinhos é a de Santa Eufemia. Osromeiros partem de tarde e chegam ao anoitecer; mal desponta o dia, metem pés a caminho e eil-os de volta, viola na frente, tangendo a *chula*, homens e mulheres de grandes cordões de *althos* a tiracollo, *althos* ainda no chapéu ao lado das *estampas* do santo, *althos* nas violas, *althos* por toda a parte. E, como a festa é de noite, cantam d'isto:

O' Senhora Santa Eufemia  
Lá do alto da Carriça,  
Ai quantos no vosso dia  
Ficam sem ouvir a missa.

E' isto o que eles cantam. Que o que eles fazem, ou que eles deixam d'esse bivaque monstro, parece não ser proprio da religiosidade do motivo que os levou lá. Pelo menos, a ofertas parecem-se, ao que diz o povo, com a d'aquela anedocta do nosso Elmano; e d'ahi nasce a designação pitoresca da romaria.

A maior, a mais popular, a mais monstruosa, é a do Senhor de Matosinhos. Dura tres dias e em cada um d'elles concorrem áquela vila mais de 15,000 pessoas. A fama dos milagres do Senhor de Bouças é proverbial por estes sitios.

O' Senhor de Matosinhos  
Aqui vem a vossa gente:  
Dae a toda saudinha,  
Que ella toda vem doente.



O templo, magestoso e imponente, fica n'um outeiro ao sul da vila antes de chegar ao rio Leça. Na frente ha umas alamedas graciosas, com umas pequenas capelas representativas de algumas das passagens do drama do Calvario.

Longe d'ali, no areal, mesmo á beira mar, fica o *padrão* comemorativo da lenda. Porque n'este como em quasi todos os templos engrandecidos pela devoção, ha uma lenda.

N'um dia de tempestade, ha seculos, o mar arrojou á praia a imagem de um Christo crucificado, regularmente conservada, mas sem um braço. Aconteceu que uma mulher velha e pobre, andando mais tarde por entre a penedia a recolher pedaços de madeira ali atirados pelo mar, e com que ela alimentasse o escasso fogo da sua lareira, recolheu por acaso, entre outros, um tronco regular, de exquisitas fórmas. Não fez reparo n'isso; e, chegada a casa, meteu-o ao lume. As chamas, porém, até ali crepitantes e gulosas, recuavam e humilhavam-se. Não comprehendia a boa da velha a razão de tal phenomeno e assentou de si para si, que talvez fosse a humidade. No dia seguinte pôl-o bem exposto ao sol, e, á noite, de novo o mete na lareira. Repete-se o caso estranho; e então a mulhersinha afflicta, corre apresada a casa do padre a pedir a explicação do mysterio. Desvendase tudo. O pedaço de madeira encontrado era o braço que faltava ao Senhor de Matosinhos.

Começou a correr fama o milagre e não levou muito que a imagem fosse reverenciada como a mais milagrosa dos sitios, mórmente pelos que andam sobre as ondas do mar. Na *casa dos milgares* ha documentos pitorescos da creença ingenua do povo? quadros representativos, de incendios pavorosos, de assaltos terriveis, suspensos, aplacados ou vencidos pela intervenção divina da sagrada imagem, entre nuvens alvacentas, com um cortejo de anjos, a descer do ceu sobre os horrores descriptos pelo pincel rebelde do artista.

Para o transporte dos romeiros não bastam as lanchas a vapor, os reboques e outros transportes fluviaes, nem as duas linhas de americanos, uma d'elas servida por locomotiva; nem ainda o caminho de ferro da Povia que se aproveita para este fim do ramal construído para o transporte de pedra do Monte de S. Gens, hoje inteiramente arrazado, para os enroamentos dos molhes no porto de Leixões. Muitos romeiros vão em *char-à-bâncs*, em caleches, em vehiculos de toda a ordem; e não falta tambem quem vá *pedibus calcantibus*, ao som da viola e em descantes, dançando animada-

mente desde o Porto até aquela vila!

De resto, apesar dos 9 a 10 kilometros que mede a caminhada não é o caso motivo para espantos. Pessoas agradecidas ao favor da milagrosa imagem, cumpre a *promessa* de percorrer esse trajecto de *joelhos*. São raros, é certo, mas tem-se visto. Quanto a umas tantas voltas ao redor do templo d'essa posição, é frequentissimo e vê-se até em dias fóra da festividade.

No genero original ha ainda em Vila Nova de Gaya o arraial de S. Gonçalo. Na vespera á noite sae da igreja de S. Christovão de Mafamude um extravagante cortejo: sobre um taboleiro a imagem do santo; atraz, homens e rapazes, grandes ramos de carvalho na mão, cantam em estylo cadenciado e rythmico, n'um percurso não inferior a 2 kilometros:

O S. Gonçalo,  
O S. Gonçalinho,  
Cá vae visitar  
O S. Christovinho,

O Santo é nosso,  
O c... é do abade,  
Bebamos o vinho  
A' nossa vontade!

Não lhes daremos a explicação da singular cantiga. Todavia para os que se interessam pela decifração d'estes dizeres, registraremos que nas romarias minhotas é frequente vêr-se o romeiro com um chifre de boi, pendente por um cordão de côres vivas no hombro direito, o onde ele tem, de reserva, umas canadas de vinho seu predilecto. Para este efeito, o singular recipiente é escolhido sempre entre os maiores que se possam obter no matadouro.

A quadra das romarias termina naturalmente com a visinhança do inverno, ou, melhor dizendo, com os trabalhos das colheitas. Veem encurtando os dias, arrefecendo o tempo esmorecendo o sol. E' pelo setembro, que a ultima romagem se realisa. Pertence á Senhora de Campanhã, na freguezia suburbana d'este nome, encerrar o cyclo das festas populares. Já os trigos estão colhidos. Os proprios romeiros o dizem, nas suas cantigas á viola:

Senhora de Campanhã,  
Minha rica lavradeira,  
Toda vos 'staes regalando  
De vêr o milho na cira.

Senhora de Campanhã,  
Minha rica lavradeira,  
Toda vos 'staes regalando  
Por ter's o milho na talha  
E o porco na salgadeira.

E, como por esta ocasião, já os

dias encurtaram, tira-se desde então aos pedreiros, aos carpinteiros, aos trabalhadores, emfim, o descanso da tarde a que chamam a *merenda*, e, esta circumstancia não podia escapar á musa popular:

Senhora de Campanhã,  
Não vos torno a pesar;  
Vós tiraste-me a merenda  
E a hora de descansar.

C.

## A «Revista de Turismo» no seu primeiro aniversario

N O proximo numero esta Revista entra no seu segundo ano de existencia; e comemorando este facto, publicará artigos dos srs. Dr. Magalhães Lima, Dr. José de Athayde, Mendonça e Costa, Padua Franco e de outras reconhecidas autoridades no nosso meio turistico.

## HOTEIS ao abrigo da sua nova lei

V AE, ao que parece, muita gente comprehendendo o grande alcance da nossa lei dos hotéis, e podemos hoje dar aos nossos leitores, a boa noticia que mais um grande hotel vae ser construído com todo o conforto moderno, na estancia thermal da Curia, pelo sr. Manuel Joaquim Rosa, proprietario já de um hotel na mesma estancia.

Nas Caldas das Taipas, foi ha dias inaugurado o Hotel das Thermas, em conformidade com a mesma lei o que vae dar certamente um grande incentivo aquella estancia.

As Caldas das Taipas tinham já um moderno estabelecimento balnear com todos os aparelhos necessarios para a sua boa exploração, e agora o novo hotel veio completar o conforto dos aquistas.

Infelizmente o caminho de ferro do Alto Minho, que tanto desenvolvimento ía dar aquella provincia, e que passava junto ás Caldas das Taipas, ficou na massa dos impossiveis; e se assim não fosse as Taipas teriam n'ele o complemento para serem umas das thermas de larga concorrência.

Consta-nos que outros hotéis serão em breve construídos, e se mais não tem sido, é certamente por causa do extraordinario augmento no preço dos materiaes.

Anunciam-se gratuitamente n'esta revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do paiz.